

ELEGIA A FORTALEZA

Mozart Soriano Aderaldo

Que fizeram de ti, ó Fortaleza?
Onde é que estão as rodas de calçada,
as meninas cantando o demavé
e os garotos brincando o mãos-ao-ar?
Onde os parques sombrios, mongubeiras,
oitizeiros, mangueiras, benjamins?
Para onde foi aquela segurança,
aquela de chegar em casa ileso
a qualquer hora, à noite ou madrugada?
Para onde foi aquela segurança?

Que é do recato das mocinhas tímidas
e do respeito da moçada máscula
sem trejeitos, blusinhas, correntões
pendidos do pescoço e ainda brincos
à moda de pirata? Onde o recato
das jovens puras e rapazes simples?

Que fizeram de ti, minha cidade?
Teus luaceiros praianos, quem os goza
ao lado da primeira namorada?
Da pouquidão de luz não mais se frui
para as declarações de amor eterno
mas os Chevetes, os Corcéis, os Volks
são camarinhas de casais efêmeros
que, mal se vêem, não se vêem mais.

Que fizeram de ti, cidade amiga?
A Praia de Iracema destruída.
A Praia do Meireles bem calçada
não mostra o encanto do vetusto tempo.
A Volta da Jurema urbanizada
não nos dá o sabor do banho amigo.
Que fizeram de ti, cidade amiga?

O velho Mucuripe, tão distante,
hoje parece ali, bem arrumado,
sofisticado, quase achincalhado,
igualzinho a qualquer lugar do mundo.
E o Farol Velho, por que não mais luz?

A crítica mordaz de tua gente,
que até vaiou o Sol numa invernada
e apupou o primeiro ousado jovem
que blusa multicolor ousou vestir,
para onde foi? O amolecado espírito
de teu altivo povo, onde se esconde?

ai /
E a nossa Praça do Ferreira antiga?
Onde seus largos bancos, todos brancos,
em que sentavam sempre os mesmos — velhos
ou jovens, comerciantes e ~~ca~~xeiros,
estudantes e desportistas pobres,
Que éramos todos pobres, sim senhor?
Praça da Padaria Espiritual
e anos depois do Grupo e da Revista
que sendo Clã não se autolimitou.
E do Coreto onde inflamado verbo
se fez ouvir em memoráveis lutas.
E da Coluna da Hora, demolida
para ceder espaço ao que lá está
que é o que de pior se poderia ter.

Que foi feito de tua culinária,
dos licores caseiros, das bebidas,
dos doces, guloseimas, Bombocados
trabalhados por nossas mãos pacientes?
Onde as mercearias, as bodegas
das esquinas das ruas, onde estão?
Como beber o acre aluá caseiro
e comprar a cajuína e a gengibirra
que os de agora não tomam, preferindo
gororobas insípidas e caras
que a propaganda impõe pela TV?

Como estás, burgo antigo, como estás,
sofrido, deturpado, maltratado!
Teus poetas populares, que são muitos,
de ti se compadecem quando escrevem
as estrofes sinceras mais sentidas
que poetas grandes nunca então gisaram,
como as que li em muro abandonado
da Praia da Varjota. Assim falou
alguém que muito te ama de verdade:
— “Chorar, chorar dez vezes feito criança
pela extinta Fortaleza,
com seus bares
populares
e praias abundantes
como as ancas de Iracema,
agora naufragando em pizzaria,
calçadões bizarros
lábios apertados de senhoras,
sandálias francesinhas,
bolsos repolhudos
inchando calças atráçoadas / ai
por infames barrigas...
E o povaréu que cheira Ceará
onde está?”

É dessa Fortaleza antiga, amiga
que nos apraz falar. Da Fortaleza
que a atual geração não quer saber.
Mutilem-na quem bem não lhe quiser,
mas seu espírito há-de resistir
aos atentados vãos que lhe fizerem.
Pois dessa velha e autêntica cidade
de Pero Coelho, de Moreno e Beck,
dela jamais nós nos esqueceremos.